

o monstro

alex gamela



veneno

O Autor

Alex Gamela gosta de histórias, e de como elas são feitas. Este conto é o primeiro ou, pelo menos, foi pensado em 1998, daí as falhas e as hesitações. Mas tinha que ser o primeiro a aparecer.

Este volume está sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)



veneno

2012

O MONSTRO

Afastámos as pedras por debaixo do aço do carril e de cada lado da travessa de forma a fazer passar a corda. O cão abanava a cauda ao meu lado e deixava que lhe fizesse festas, a língua ao pendurão na boca bem aberta, em busca de ar fresco.

-Faz aí um nó à maneira.

As mãos ágeis ignoraram o conselho, e demonstraram a qualidade do trabalho com dois sacões.

-Assim 'tá bom?

Mas era uma pergunta que não esperava uma resposta.

Da outra ponta da corda fez-se um laço e analisámos o tamanho.

-Não pode ficar demasiado largo, assim ele foge.

Era um bicho escanzelado, com algumas peladas nos quartos traseiros. Viase que não tinha dono, se é que alguma vez teve e devia passar fome há algum tempo.

O laço foi feito de acordo com as novas medidas e passado em volta da cabeça com cuidado para não o magoar. Outro nó competente assegurava que não ficasse corrediço. Não queríamos que ele sufocasse ao esticar a corda.

O cão foi muito dócil durante todo este processo e ali ficou a arfar, satisfeito. Devia ser o primeiro contacto que tinha com humanos em muito tempo, para além de uns pontapés ocasionais para o correr para fora dos quintais. Ele ia forçando o focinho nas nossas mãos, à procura de festas, mas a única coisa que lhe fazíamos era agarrá-lo pelo pescoço.

Depois da corda posta, ficámos em volta dele por uns instantes, no meio da linha do comboio. Parecia estar tudo em ordem: os nós eram seguros, a corda era comprida o suficiente para chegar a meio da linha do lado. Pensei em qual delas se fazia o percurso Sul-Norte, mas não cheguei a nenhuma conclusão.

O cão parecia triste por o termos deixado de o agarrar e sentou-se, com as orelhas caídas em resignação. Fiz-lhe uma festa na cabeça.

-Lindo menino.

Agarrámos nas mochilas e fomos procurar um lugar a meio da encosta para assistir ao espectáculo.

Éramos quatro: o Louro, o Outro, o Gordo e Eu. Escolhemos um bocado de sombra debaixo de umas árvores raquílicas e dobradas que mais pareciam uns arbustos sobredesenvolvidos, mas que nos protegiam do sol. Atirámos as mochilas para o chão para marcar o lugar e sentámo-nos, a suar do esforço da subida. Estava um dia quente, o último de aulas antes da Páscoa, mas para nós já eram férias. Baldámo-nos a meio da manhã e acho que não deviam estar a sentir a nossa falta.

Do sítio onde estávamos tínhamos uma visão perfeita para o pedaço da linha onde o cão estava preso. Do outro lado ficava o muro da velha fábrica, cujas ruínas começavam um pouco mais além, a afundar-se na vegetação que lentamente reocupava o seu espaço, reclamando aquelas pedras como suas mas sem entrar nas salas vazias, cheias de manchas de óleo no chão onde antes estiveram as máquinas - sombras do passado a desaparecer por debaixo da poeira. Quando eu era um miúdo, contavam-me histórias de que estava assombrada. Ou achava eu que havia histórias dessas, porque era apenas um miúdo, e os miúdos gostam de histórias de fantasmas. Mas era apenas um monte de betão e tijolos inútil, um cancro cinzento a lembrar a decadência a que a cidade tinha chegado. O bairro em volta tinha morrido também. Agora era um aglomerado de casas desconjuntadas onde dormiam alguns agarrados, eles também uma espécie de ruínas.

-A que horas é que é o próximo?

O Gordo fez a pergunta a meia-voz, ainda a recuperar o fôlego por causa do calor. Não estava talhado para o exercício e até subir um lanço de escadas na escola lhe causava sofrimento.

O Outro olhou para o relógio com indiferença e disse:

-Deve estar quase.

E continuou a olhar em frente, não para o cão, não para a linha, não para a fábrica nem para além dela, mas para um ponto que só ele conhecia e que passava o tempo a contemplar. Mas devia estar tão excitado como nós, porque não era de grandes conversas, e raramente dialogava com o Gordo. Era-lhe difícil trocar uma palavra com alguém tão burro. Não é que se achasse mais inteligente, mas porque ele era mesmo inteligente e porque o Gordo era mesmo burro. Qualquer tentativa de conversação entre eles seria como dois extraterrestres de dois planetas distintos a discutir sobre onde almoçar. Por isso o Outro nem se esforçava.

O único que o Outro respeitava era o Louro, mas esse tinha a capacidade de se impor pela força, a única linguagem que compreendia e exercia. Com o Louro era sempre a doer, mesmo a brincar, por isso ninguém se metia connosco na escola. Não que causássemos problemas, mas também não conseguíamos evitá-los e, no caso do Louro, evitar de ir ao encontro deles. Sob a sua liderança não éramos ignorados, mas temidos. Era uma sensação boa, para variar.

O cão observava-nos com o mesmo ar cabisbaixo com que o tínhamos abandonado no meio dos carris. Não tinha feito um movimento para nos seguir ou vir ter connosco. Parecia que estava à espera que o fôssemos buscar. Mas não íamos sair de onde estávamos.

O Louro levantou a cabeça da mochila, que lhe servia por esta altura de almofada e tirou o tabaco de enrolar. Atirou-me à cabeça com um caderno quase desfeito que trazia dentro da mala e disse:

-Faz aí um filtro.

Rasguei um bocado da capa e enrolei-o da maneira que sabia que ele gostava. Do lado de lá, o Outro já tinha o isqueiro a gasolina aceso, com uma pedra de lado a espumar resina. Passei-lhe o filtro, e o Louro agachou-se junto dele, de costas para mim.

O caderno dele era uma colecção de riscos caóticos, intercalados por uma letra infantil e irregular. Em algumas páginas havia esboços imperfeitos de mulheres de mamas grandes e enormes peças a virem-se para cima delas. O estilo era igual ao de uma criança do jardim escola que tivesse desenhado uma casa, com umas árvores ao lado, e um sol amarelo por cima a espreitar sorridente por entre nuvens brancas. Mas a violência era brutal. Quando o

apanharam numa aula a desenhar uma das suas mulheres deformadas a ser violada por caralhos de dimensões épicas, a reacção foi contra o sexo: não foi pela possível deformação que um membro gigante como aquele causaria, não foi pela violação, ou pelos gritos que não se ouviam no vazio branco do papel. As obras foram examinadas e expostas em Conselho Directivo mas devolvidas ao autor apenas com uma advertência e uma anotação no dossier do aluno sobre esta predisposição, a ter em conta em "possíveis futuras ocorrências".

O Louro viu-me a desfolhar o caderno. Eu continuei a apreciar o caos de tinta espalhado pelas folhas quase soltas como se fosse a coisa mais aborrecida do mundo, e devolvi-lho. Em troca recebi o charro, e o caderno e as sevícias que continha desapareceram para dentro da mochila de onde tinham saído.

Ainda não tinha deitado fora o fumo da primeira passa quando o cão, pela primeira vez desde que o tínhamos apanhado, ladrrou.

Cada um de nós inclinou-se para a frente, a suster a respiração para que não interferisse com o momento, os ouvidos atentos ao rumor que aumentava de intensidade. O cão ladrava para nós e começava a sair da linha mas a corda não o deixava ir para muito longe. Gania baixinho por entre os latidos. O comboio passou num estrondo na linha do lado de tal maneira que até nós ficámos surpreendidos. O bicho fugia da máquina em arranques travados pelo comprimento da corda, levantando o corpo inteiro no ar. De cada vez que fugia o pescoço ficava para trás, as patas traseiras a resvalar pelas tábuas, a ladrar em pânico.

Continuou ainda assim um bocado depois do comboio ter passado até que se cansou e parou, no meio dos carris, a tremer. Ainda estávamos presos ao fascínio do momento quando ele se borrou por entre as patas traseiras, numa reacção tão natural que nos desatámos a rir. Travei uma vez e guardei o máximo que pude de fumo nos pulmões, mas comecei a tossir porque ainda ria. Passei ao Gordo, entre a tosse e as lágrimas e o riso e deitei-me para trás, as costas assentes na terra fresca da sombra. Não havia outro sítio onde quisesse estar, não havia para onde quisesse ir. Os outros comparavam a forma como viram o animal a debater-se, cada um com uma versão diferente dos acontecimentos. Imaginei o que terá passado pela cabeça do cão ao ver passar tão perto uma besta de aço em fúria como aquela, a morte a soprar-lhe com força no lombo. Mas ele tinha-se safo e

arfava, sentado no meio da linha, a olhar para o lado para onde o comboio tinha ido, talvez com medo que ele voltasse.

O riso desfez-se e ficámos em silêncio. Só uma brisa passava entre as folhas das árvores por trás de nós e, por instantes, parecíamos ser os únicos seres vivos no planeta. Nós e o cão. Ninguém estava muito falador, e, depois do clique metálico do isqueiro do Outro, podíamos ouvir o cigarro dele a queimar a cada trago que ele dava. Tinha a boca seca e quando me sentei outra vez senti-me tonto. Tentei focar a mancha castanha que andava de um lado para o outro entre as linhas do comboio e demorei um bocado até o conseguir, mas tudo parecia estar em ordem, a corda ainda ia do aço até ao pescoço. O Gordo, que tinha estado sempre sentado um pouco atrás de nós, levantou-se e abanou um bocado, como se estivesse bêbado, mas ele era mesmo assim, descoordenado. Olhava para a linha do comboio e parecia que ia dizer alguma coisa que se tinha perdido entre a vontade e a garganta, e por ali tinha ficado, presa, à espera de uma ajuda para sair. O Louro olhou por cima do ombro.

-Onde vais pá?

O Gordo mantinha o olhar preso na linha, mas continuou calado.

-Tás a ouvir?

Da boca do Gordo saiu um bocado de ar sem palavras, como se a mensagem tivesse sido cancelada a meio caminho. O Louro parecia irritado. O Gordo deu um passo em frente, mas ficou por aí porque o Louro pôs-se no caminho.

-Atão? Ondé que pensas que vais?

-Vou só ver se a corda está bem posta...

O Gordo disse isto como se fosse uma desculpa, a voz a sumir-se quase no final da frase. O Louro deu-lhe um encosto que se sentisse através da banha, mas nada de mais.

-Deixa a merda da corda que tá bem.

O Gordo tentou forçar a passagem mas não de uma forma convincente, a justificar-se que o cão, a puxar a corda, o calor, pode ter ficado solta... O Louro não o deixou dar nem mais um passo e empurrou-o a meio do peito de tal maneira que aquela baleia desajeitada se desequilibrou, deu dois passos para trás e caiu de cu no chão.

-Mas eu só ia...

-Mas eu o caralho, ficas aí e calas-te.

O Louro devia ter as suas dúvidas sobre o que o Gordo queria fazer, e eu também as tinha. Ele continuava a explicar na sua voz de queixinhas que a corda podia estar estragada e não sei se por estar farto de o ouvir ou por estar a pôr em causa os nós, o Louro mandou-lhe um berro que me fez estremecer.

-Cala-te foda-se, tou farto de te ouvir.

O Gordo resignou-se, deixou descair a cabeça para a frente, num movimento estranho porque ele parecia não ter pescoço, e parou quando o queixo se enterrou no peito, a fazer beicinho. O Louro sentou-se sempre a olhar para ele, mesmo quando lhe virou as costas, a fulminá-lo por cima do ombro. As mãos rechonchudas do Gordo catavam um bocado de relva, a cara de lado para evitar encará-lo. O Louro virou-se para a frente e tudo voltou ao normal. Cada um colocado no lugar que lhe correspondia. As mãos desajeitadas do Gordo continuavam a remover o escalpe daquele bocado de terreno. Atirou o bocado de relva que tinha entre os dedos para o chão e abriu a boca, desta vez com vontade:

-Mas eu...

Não teve tempo de dizer mais nada. O Louro virou-se para trás com a agilidade de um gato, derrubou o Gordo e, sentado em cima do peito dele, dava-lhe chapadas de mão aberta a compasso nas bochechas e nos ombros:

-Ca-la-te-gor-do-da-mer-da

Mas o Outro berrava qualquer coisa e o Louro parou, para perceber o que era.

-Vem aí mais um.

E assim que acabou de dizer isto, uma mancha cinzenta com janelas passou na linha onde o cão estava preso, um guincho metálico a soar a mil gritos que tão depressa acabaram como surgiram, num rasto de trovão. Procurámos logo pelo cão e ele ainda lá estava, tinha conseguido fugir para a linha do lado, num acto de esperteza canina e instinto de sobrevivência. E medo.

O pescoço estava pelado da corda e as patas sangravam por causa da tracção nas pedras onde assentavam as linhas. Parecia estar exausto e gania baixinho, mas depois percebi que não era ele, mas o Gordo que

choringava com falta de ar debaixo do peso do Louro. O Louro levantou-se e voltou ao seu lugar e o Gordo deixou-se estar deitado, o suor e as lágrimas a misturarem-se nas bochechas que estavam cada vez mais vermelhas, à medida que ele recuperava o fôlego. Ele podia ter-se levantado e ido embora naquele instante, mas não foi, e eu nunca percebi porquê. Ele não estava preso, não tinha uma corda ao pescoço. E por mais brutal que fosse a violência do Louro, ele não obrigava ninguém a ficar, apesar de sabermos ao que nos sujeitávamos. Nós percebíamos essa violência, e sabíamos aparar os golpes. Além disso, ele não lhe tinha batido com muita força, seria preciso muita mais para o magoar por baixo daquela banha toda.

-Tás bem Gordo?

O Outro e eu sabíamos que isto era apenas o prolongar da tortura. O Louro não estava preocupado com o bem estar do Gordo, era só para arreliá-lo um bocado. A respiração dele foi ficando cada vez menos menos pesada e entrecortada pelos soluços, até ele ficar calado, um buda caído a ignorar-nos. Nós retribuimos, não era nada a que não estivéssemos habituados.

O cão tremia e sangrava mas a corda estava no sítio. Senti sede, meio do calor, meio de fumar. Depois da respiração do Gordo ter deixado de se ouvir, tudo o resto também se tinha calado: não havia vento, nem pássaros que nele viajassem, e da linha do comboio também os ganidos tinham parado. Era uma paz ainda maior depois desta pequena comoção. Tinha a boca seca mas queria cuspir, só que senti-me pouco à vontade para quebrar o silêncio dessa maneira.

O Outro tratou disso:

-Se pudessem prender alguém à linha em vez do cão quem é que seria?

O Louro quase que soltou uma gargalhada mas que não lhe saiu. Não sei porque é que ele disse aquilo, mas parecia ter acertado em cheio, porque nenhum de nós respondeu. O Outro de certeza que já tinha uma resposta pronta, mas nunca a iria partilhar connosco. O Louro olhava para o cão, deitado de lado a meio da linha, as costelas a subir e a descer depressa por debaixo do lombo, e tinha a boca torcida num sorriso como se tivesse acabado de trincar um limão. Ele tinha a sua lista, mas nenhum de nós imaginava em quem é que ele estaria a pensar. O Louro criava inimigos e ódios apenas por passar num corredor, mas isso era porque os outros tinham medo. É muito fácil confundir as duas coisas. Quem é que ele poderia odiar de tal maneira? De quem é que ele teria tanto medo?

A minha própria resposta demorou a chegar, porque não tinha ninguém específico. Via apenas um animal que tínhamos apanhado no caminho. Qualquer pessoa que lá colocasse em vez do cão seria também um animal. Teria apenas que fazer os nós de outra maneira.

-Eu punha lá o Louro.

O Gordo tinha-se levantado, olhava para a linha e nem se encolheu quando nós os três olhámos para ele. A gargalhada que tinha ficado presa há bocado na garganta do Louro soltou-se e devia ser doce porque lhe tirou o travo a limão do sorriso. Desta vez o castigo seria a sério.

-Meu filho da puta, queres ver que ainda fazemos de ti um homenzinho?

Levantou-se a rir em direcção ao Gordo, que deu um passo para trás quando o Louro lhe passou o braço em volta dos ombros - era o único suficientemente grande para conseguir fazer isso - enquanto dizia:

-Sabes, às vezes acho que há esperança para uma morsa como tu. Faz mas é um filtro para a gente.

O Gordo ria de nervoso por baixo das banhas. Eu e o Outro ríamos porque o Louro era cheio de surpresas, e porque sabíamos que depois disto ia ficar tudo bem. Nada de sangue entre irmãos, só umas nódoas negras que acabavam por desaparecer. Só risos, a relva fresca debaixo de nós, e a certeza que nada nos podia afectar. Não ali, naquele momento.

Era uma tarde perfeita, daquelas que nunca mais queremos que acabem, daquelas que só existem em livros de aventuras para rapazes e que vivem da descoberta e de coragem. Esta trazia uma promessa, e eu sentia na boca um gosto metálico em antecipação, que misturava em baforadas quentes de haxixe. "Deve ser a isto que os beijos devem saber", pensei.

O Gordo começou a contar mais uma das suas histórias idiotas que tinham um começo, e que se perdiam de tal maneira pelo meio que nunca chegavam a ter um fim, mas ele tinha piada a contá-las, especialmente quando já estava mocado. O Louro ria-se como se nunca tivesse olhado para ele com ar de quem ia arrancar-lhe a traqueia com as suas próprias mãos uns momentos antes. O Outro continuava fixo no seu ponto imaginário, como se fosse cego. Ou como se visse demais. O nosso desinteresse pelo cão foi tal que só notámos que passaram dois comboios depois de eles terem desaparecido nas laterais do pequeno palco de pedras e carris de aço onde o bicho vivia o seu drama. Ele continuava lá, mais assustado, com mais feridas e mais fraco. Já nem ladrava e só de vez em

quando o podíamos ouvir a ganir. Deixou-se cair por cima do carril e não se mexeu mais.

Parei de observar os gestos desajeitados do Gordo que já tinha perdido o fio à meada da sua história para perceber o que se passava. O lombo do cão subia e descia mais pausadamente, e parecia estar a desacelerar. Não tinha antecipado nisto. Agarrei numa pedra e atirei-a em direcção à linha. O cão nem reagiu apesar de lhe ter caído perto do focinho.

-Morreu?

-Ainda não.

-Deve só estar a dormir.

O Louro agarrou num seixo que lhe estava aos pés e arremessou-o em direcção ao corpo estendido em cima do carril, acertando-lhe num dos quartos traseiros. O animal ganiu e levantou-se um bocado como se a pedra o tivesse feito regressar ao mundo dos vivos.

-Tá como novo.

O Gordo riu-se.

Mas o cão voltou a tombar, desta vez de forma mais dramática, para cima do carril. Estávamos todos de pé, atentos ao menor movimento do corpo do bicho, que parecia que não se iria mexer mais. Queríamos ouvir com tanta força se ele ainda respirava que nem reparámos na vibração que se começava a fazer sentir, e só depois do cão ter mexido a cabeça na direcção do apito é que nos apercebemos que vinha lá mais um comboio. Ele tentou levantar-se, mas as patas tremiam-lhe e ele caiu outra vez. Um pugilista batido a querer salvar-se da contagem final.

Gritei. Um grito imenso, de guerra, de ódio, do fundo dos pulmões, do fundo da barriga, do fundo de mim. E assim como comecei a gritar comecei a correr em direcção à linha, o barulho do comboio que se aproximava rapidamente a sobrepor-se ao meu grito, e ao meu lado corriam os outros três a gritar também, quatro anjos de um pequeno apocalipse em fúria por uma encosta abaixo. Tropecei numa pedra, comecei a cambalear e vi o cão tentar levantar-se mais uma vez. Parecia que ia conseguir sair de cima do carril quando um monstro de aço desfocado se atravessou à nossa frente, e só senti o braço do Outro a puxar-me para trás antes que chocasse contra o comboio no ímpeto deste voo. Caímos os dois tão perto da linha que poderia tocar na parte de baixo das carruagens sem ter que esticar o braço.

Foram segundos que pareciam não terminar até que a última carruagem desapareceu em direcção ao seu destino. Eu continuava estendido no chão, o Outro estava sentado ao meu lado a observar o rasgão que me tinha feito na camisa ao puxar-me. O Gordo e o Louro tinham parado mais atrás e estavam com um ar assustado. Pelo menos foi o que deduzi pela cara do Gordo, porque nunca tinha visto o Louro assustado.

Levantei-me num pulo que os fez despertar do transe onde estavam presos.

-O cão? Onde é que está o cão?

Só via os reflexos do sol no metal a ferver dos carris, mas não via o cão. Comecei a andar para trás e para a frente na linha enquanto perguntava:

-Onde está o cão?

O Outro segurava um pedaço da corda que tínhamos usado, uma das pontas completamente rebentada. O Louro e o Gordo aproximaram-se e começaram também a olhar em volta. Mas do cão, nada.

Olhei para o lado onde o comboio tinha desaparecido e caminhei pelo meio das duas linhas nessa direcção. Os outros seguiram-me e investigavam entre os arbustos e nas valas ao longo dos carris. Eu não o procurava, sabia que ele estava por ali algures, apenas queria estar preparado para ele.

-Será que ele fugiu? - disse uma voz atrás de mim.

Mas eu vi-o antes do comboio o ter engolido, e sabia que não era possível. Era apenas uma questão de tempo.

Já estávamos a andar há um bom bocado, quando o Outro nos chamou.

-Está aqui.

O cão estava aberto ao meio mas não tinha as tripas à mostra, tinham-se perdido pelo caminho. Um dos olhos tinha saltado fora do que restava da cabeça, intacta do lado esquerdo, mas completamente desfeita do outro. As patas da frente tinham desaparecido, mas os quartos traseiros ainda lá estavam, e tremiam freneticamente de vez em quando. O Outro olhava desassombrado para os restos do animal, a dar pequenos pontapés na carcaça. O Louro tinha a boca torcida outra vez, e o Gordo acabava de vomitar nos próprios pés. Estava tão tonto que tive que dar um passo atrás e sentar-me num carril, que zumbia com a aproximação de mais um comboio.

Sorri. O cheiro a sangue.